

## ***O Diário de Notícias e o “Dia do Colono” de 1956***

René E. Gertz

Ainda que não houvesse registros sobre festejos do cinquentenário da imigração alemã para o Rio Grande do Sul, em 1874 (num contexto de crise provocada pelo movimento *mucker*), nem nos 75 anos, em 1899, as comemorações do centenário, em 1924, haviam sido muito intensas. Além do transcurso dos 100 anos, desde o início da colonização com alemães, o evento, sem dúvida, teve também o objetivo de marcar uma reversão definitiva no clima adverso criado durante a Primeira Guerra Mundial. A década de 1920 acabou sendo marcante naquilo que tange à presença da população de origem alemã no estado – tanto em termos econômicos quanto políticos (GERTZ, 2002). Nos anos 1930, o próprio governo estadual havia transformado o dia 25 de julho em feriado estadual, sob a denominação de “Dia do Colono”. O quadro que se desenhara na década anterior se manteve, reconhecido pelo então governador gaúcho, José Antônio Flores da Cunha, apresentado, na cultura historiográfica regional, como “grande amigo dos alemães”. Mas com a decretação do Estado Novo no Brasil e o desencadeamento da “campanha de nacionalização”, a partir de 1937, esta prática não foi apenas suspensa, mas condenada, tentando-se apagá-la da memória. Mesmo com a guerra terminada, na passagem dos 125 anos, em 1949, só ocorreram manifestações muito tímidas (WEBER, 2004).

Setores da “colônia alemã” do Rio Grande do Sul tentaram reagir diante da situação que se criara em relação a imigrantes e descendentes durante o período da guerra. No campo político, foi eleita, em 1947, uma bancada significativa de deputados estaduais representativos das principais regiões de colonização alemã, parte dos quais denunciou as perseguições sofridas nos anos anteriores. Bruno Born (1948; 1950) foi um daqueles que se destacou, neste sentido. Por iniciativa de líderes religiosos, católicos e luteranos, [242] iniciou-se, em 1946, um movimento para arrecadar alimentos, roupas e dinheiro para a população da Alemanha devastada pelo conflito mundial. Há indícios de que esta mobilização – sob o slogan “SOS Europa Faminta” – perseguiu, também, objetivos internos à “colônia” do estado, no sentido de tentar motivar a comunidade, e restabelecer sua autoestima (FERNANDES, 2005; GOODMAN, 2015, p. 113-154). Na sequência, há

a registrar a fundação de um “Centro Cultural 25 de Julho”, em Porto Alegre, seguido por uma “Federação dos Centros Culturais 25 de Julho”, com sede em São Leopoldo, mais o jornal *Brasil-Post* – o qual, mesmo tendo sua sede em São Paulo, tinha muito a ver com o Rio Grande do Sul, tanto em termos de financiamento do projeto – ao menos ao tempo de sua fundação – quanto em termos do conteúdo publicado (GERTZ, 2018a, 2018b, 2019).<sup>1</sup>

A Federação dos Centros Culturais deveria exercer papel de destaque na elaboração e na execução de ações destinadas a retomar o fomento à vida “alemã” no Brasil todo, mas em especial no sul – como a sede estava no Rio Grande do Sul, sobretudo neste estado. A entidade negava qualquer caráter político, insistindo que defendia, unicamente, objetivos “culturais”. Nesta linha, se propunha a patrocinar manifestações especificamente “alemãs” no campo da música, da dança, do teatro, dos esportes; divulgar a história da imigração e colonização com imigrantes alemães no país; batalhar para que a língua alemã voltasse a ser ensinada nas escolas, ao menos na qualidade de “língua estrangeira”; pressionar para que governos em nível municipal, estadual, e até nacional, decretassem o dia 25 de julho como feriado – em termos realísticos, inclusive para obter a colaboração de outras “etnias”, isto aconteceu sob o nome de “Dia do Colono”, seguindo a tradição da década de 1930.

Sobretudo em relação a este último aspecto, poderia imaginar-se que a Federação tivesse tudo a ver com a programação dos festejos anunciados pelo prefeito Paulo Couto, em 1956. Mas, definitivamente, [243] não é o caso. Uma das figuras mais destacadas da entidade foi Fritz Rotermund, filho do proeminente representante do pensamento e da prática daquilo que ficou conhecido como “germanismo”, o pastor Wilhelm Rotermund (DREHER, 2014). Como seu arquivo está disponível, a intensa correspondência que mantinha comprova, sem qualquer dúvida, que durante o citado ano a Federação dos Centros Culturais 25 de Julho enfrentava, poucos anos após sua criação, uma crise praticamente terminal, em termos financeiros. Os registros de Rotermund refletem o desânimo geral quando, por exemplo, em março, foi publicado pela imprensa de Porto Alegre – em duas partes (*Correio do Povo* dos dias 10 e 17) – longo parecer posicionando-se contra a permissão da volta do ensino de alemão nas escolas, mas nenhum integrante da Federação teve ânimo de contrapor-se ou, ao menos, criticar este posicionamento. Criada na esteira da fundação do Centro Cultural de Porto Alegre, o fato de não se ter

---

<sup>1</sup> A respeito da *Brasil-Post*, veja WOLFF, 2010.

concretizado uma esperada fundação massiva de centros do mesmo tipo nem, ao menos, pelos estados do sul afora, fez com que não houvesse nada a “federar”, de forma que a entidade ficou restrita à dedicação e ao sacrifício pessoal de seus oito militantes efetivamente empenhados na causa.

Diante deste quadro, de forma totalmente inesperada, o então prefeito de São Leopoldo, Paulo Couto, do PTB, anunciou, em maio de 1956, grandiosos festejos comemorativos à imigração e à colonização alemãs no município, a serem realizados em julho. A primeira referência de Rotermund às comemorações está numa carta sua ao presidente da Federação, Bruno Born, com data de 8 de maio.<sup>2</sup> Em correspondência a Klaus Becker, de 27 de maio, afirmou que ficaria afastado de qualquer envolvimento, dizendo, inclusive, que não sabia responder quando perguntado sobre o sentido desta festa. Em conjunto de notas enviadas à *Brasil-Post*, com data de 31 de maio, pediu que o jornal noticiasse o evento “não por último, como forma de mostrar que estamos interessados nas atividades programadas, mesmo que não estejam [244] orientadas em sentido étnico [*völkisch*], como nós queremos que o 25 de julho seja encarado”.

Em 23 de junho, escreveu carta ao médico Friedrich Tempel, de Taquara, classificando os festejos como “circo do 25 de julho”, temendo “que a coisa não irá corresponder àquilo que os cabeças estão sonhando”. Em novo escrito a Klaus Becker, do dia seguinte (24 de junho), a palavra “circo” apareceu duas vezes, e Rotermund reafirmou temer que não daria em nada, até por falta de tempo para a preparação. Mas, “em todo caso, nós só aproveitamos aquilo que pode servir-nos, sobretudo que o 25 de julho seja popularizado, e que possamos vir a ler [na imprensa], sem as restrições usuais, muitas coisas sobre a imigração alemã. Essas vantagens precisamos aproveitar em nosso favor”. Ou seja, Rotermund admitia que as comemorações teriam pouco (ou nada) a ver com os interesses doutrinários e programáticos da Federação, mas já que seriam levadas a efeito, deveria tentar-se tirar o proveito que fosse possível.

A recíproca também é verdadeira, naquilo que tange ao prefeito Paulo Couto. Em nenhum momento, se pronunciou contra quem quer que seja, mas não deixa de ser sintomático que nenhum nome claramente ligado à Federação dos Centros Culturais 25 de Julho constasse nas listas de membros das diferentes comissões constituídas para organizar os festejos. Pelo contrário, chama atenção a presença de alguns nomes de

---

<sup>2</sup> O arquivo Rotermund está depositado no Museu Histórico Visconde de São Leopoldo. Como não há uma organização ou classificação específica, citam-se aqui apenas as datas dos documentos – disponíveis em ordem cronológica.

“nativistas”, isto é, de pessoas que, num passado não muito distante, tinham se caracterizado por manifestações desabonadoras em relação ao processo de imigração com alemães e ao “espírito” alemão que estaria sobrevivendo, de forma indevida e perigosa, em São Leopoldo, e em toda a “colônia alemã” do Rio Grande do Sul. Citem-se, nominalmente, Carlos de Souza Moraes e Othon Blessmann, ambos conhecidos, no município, como “nativistas”, o segundo acusado de ter liderado a depredação do monumento ao imigrante, em 1942.<sup>3</sup>

Considerando os indícios de que Paulo Couto não se empenhou pelo evento por causa de um eventual entusiasmo “germanista” pelos “alemães” – ainda mais que 132 anos não é [245] nenhum ano “jubilar” –, pode-se partir do pressuposto de que havia outros elementos em jogo. Não foi possível identificar interesses pessoais nem locais (ainda que eles, provavelmente, tenham existido), mas é plausível que o prefeito tenha tido em mente favorecer interesses partidários, do PTB e de aliados, tanto em nível federal quanto em nível estadual. Quanto ao nível federal, estávamos no início do governo Juscelino Kubitschek. Mesmo que este tenha sido eleito pelo PSD, o PTB fazia parte da coligação que o apoiava, tendo fornecido o vice-presidente, João Goulart.

Além disso, a crônica política da época registra que, em função de certo distanciamento em relação ao PSD do Rio Grande do Sul, JK cultivava uma proximidade maior com o PTB do estado. Considerando que Kubitschek demonstrasse grande interesse numa aproximação com a Alemanha, a festa promovida por Couto pode ter objetivado dar uma contribuição para esta aproximação. Além disso, Leonel Brizola tinha vencido as eleições para prefeito de Porto Alegre, fato que o credenciava a candidatar-se ao governo do estado, nas eleições seguintes. Como, de fato, nesta eleição ocorreu uma coligação com o PRP – partido com presença marcante na “colônia alemã”, e também na “italiana” (CARDOSO, 2009) –, Couto pode ter pensado em ajudar seu correligionário (GERTZ, 2020).

A tese de que um dos objetivos da festa de Paulo Couto tenha sido o de reforçar a aproximação de Juscelino Kubitschek à Alemanha torna-se mais plausível pelo fato de que os “Diários Associados” de Assis Chateaubriand, entusiasta defensor do presidente, deram apoio ostensivo às comemorações do “Dia do Colono” de 1956.<sup>4</sup> Antes de apresentar alguns elementos específicos a este respeito, convém tecer algumas considerações sobre a “hibridez” de situações históricas concretas. Como vimos, a

---

<sup>3</sup> Quanto a Carlos de Souza Moraes, veja SANTOS, 2021.

<sup>4</sup> A respeito de Assis Chateaubriand, cf. MORAIS, 1994.

Federação dos Centros Culturais 25 de Julho declarou certo distanciamento em relação ao evento, mas, ao mesmo tempo, evitou oposição expressa, alegando o interesse de aproveitar para seus objetivos possíveis “brechas” que viessem a abrir-se. E é neste sentido que serão feitas algumas poucas considerações sobre as possibilidades [246] de acesso ao *Diário de Notícias*, órgão dos “Diários Associados”, que a situação possibilitou a Fritz Rotermund.<sup>5</sup>

A Federação dos Centros Culturais 25 de Julho, obviamente, tinha o maior interesse em acesso à imprensa, para divulgar seu ideário. Neste sentido, anunciava, por esta mesma época, certo avanço, pois Klaus Becker conseguira tornar-se cronista regular do *Correio do Povo*. Becker – ao lado de Balduino Rambo – era o militante da Federação com maior pedigree acadêmico, provavelmente o único doutor em História que vivia no Rio Grande do Sul, naquele tempo. Nascido na Alemanha, veio ao Brasil com menos de um ano de idade, como filho de um pastor luterano que trabalhou no estado. Participou da Segunda Guerra Mundial, servindo na aeronáutica alemã. Depois da guerra, doutorou-se em História, na Alemanha, voltando, em seguida, para o Brasil.<sup>6</sup> Esteve profundamente envolvido na tentativa de reverter o quadro desfavorável aos “alemães” no Rio Grande do Sul do pós-guerra. Neste sentido, elaborou amplo projeto editorial para publicar a *Enciclopédia Rio-Grandense*, prevista para 15 volumes, dos quais, porém, só vieram a público cinco.

A intenção desta publicação era a de traçar um quadro amplo da história da sociedade gaúcha, dando voz e vez a todos os grupos e a todas as instituições aqui estabelecidos e a suas peculiaridades – claro, com o objetivo de mostrar que os “alemães” faziam parte deste todo diversificado, e nele estavam perfeitamente integrados. Em carta de Becker a Rotermund, com data de 9 de julho, referiu-se à importância do sistema escolar privado nas regiões de colonização alemã do estado, acrescentando: “a obra que estou editando tem a intenção de relatar aquilo que até agora sempre ficou pouco explicitado. Caso contrário, não teria assumido esta tarefa e entrado nesta luta” (referia-se à luta pela edição da obra).

Foi justamente no contexto cronológico da preparação dos festejos de julho de 1956 que a enciclopédia começou a circular (volumes posteriores foram sendo publicados até 1958), mas sem [247] qualquer relação com o evento festivo de São Leopoldo.

---

<sup>5</sup> Sobre o *Diário de Notícias*, veja DE GRANDI, 2005.

<sup>6</sup> <https://darisimi.blogspot.com/2018/03/klaus-becker-1920-1997-um.html?m=0> (acessado em 27 de agosto de 2018).

Segundo carta de Fritz Rotermund, datada de 4 de junho de 1956, Becker teria publicado, a 2 de junho, um texto no *Correio do Povo* tratando da denominação adequada para a data de 25 de julho – “Dia do Imigrante” ou “Dia do Colono”? Teria optado pelo segundo, opinião a que a Federação se associaria.

E o *Diário de Notícias*, apesar de, aparentemente, ter-se envolvido com o “Dia do Colono” por razões outras que a divulgação do ideário “germanista”, não deixou de abrir espaço justamente para Fritz Rotermund, o “pai do movimento 25 de julho”. Com data de 13 de julho, o redator internacional e secretário do jornal, além de redator do “Repórter Esso”, Aloysio Schneider, enviou fonograma a Rotermund solicitando material para a edição especial, a ser publicada em 25 de julho, que “exalte trabalho dedicado à terra”. Rotermund mandou bibliografia pertinente a Schneider, relatando que fora entrevistado, na semana anterior, pelo repórter Thadéo Onar. Em carta a Klaus Becker, do mesmo dia 13 de julho, pediu que este escrevesse sobre o “25 de julho” no *Correio do Povo*, já que algo no mesmo sentido apareceria no *Diário de Notícias*, com que a “exaltação” da imigração alemã seria reforçada.

Em carta de 20 de julho, ao mesmo Schneider, solicitou que, na reportagem que deveria estar em elaboração, a partir de sua entrevista com Onar, não fosse esquecida, no título ou no subtítulo, a frase “o 25 de julho é um movimento puramente nacional”, bem como a informação de que esta informação já teria constado numa edição do jornal lá na década de 1930. A confiança de Rotermund no sucesso de sua investida midiática foi tamanha que chegou a ter esperança de obter retorno financeiro: “Espero que o Senhor se empenhe, com sua divulgação, para que possamos receber dinheiro para poder continuar com nosso trabalho cultural”.

De fato, na edição comemorativa do dia 25 de julho, extensa reportagem foi publicada a partir da entrevista de Rotermund, permitindo-lhe fazer um relato do “movimento 25 de julho”, desde a década de 1930, sobre as perseguições durante a Segunda Guerra Mundial, e sobre a tentativa de rearticulação no pós-guerra. Em nova carta a Schneider, de 27 de julho, após a publicação da edição comemorativa, agradeceu pela reportagem envolvendo sua pessoa, [248] afirmando que sua produção deve ter sido muito trabalhosa. Disse que o objetivo fora “servir à verdade e à justiça, que, infelizmente, [no passado], tiveram de dar espaço à violência cruel”.

No dia seguinte, em relato sobre as festividades para a *Brasil-Post*, escreveu, em relação à edição especial do jornal, que ela, “com suas considerações informativas, sem dúvida, se transformou num valioso objeto de arquivo. Tanto o jornal quanto as estações

de rádio [dos ‘Diários Associados’] deram uma contribuição muito grande para o sucesso dos dias de festa, e isto não pode ser esquecido”. Em outra carta a Schneider, do dia 2 de agosto, declarou-se “surpreso e ao mesmo tempo alegrei-me bastante ao encontrar tão belos e valiosos artigos, cujo conhecimento é de grande importância para a colonização germânica em nosso estado”.

Não se sabe se o espaço aberto pelos “Diários Associados”, no *Diário de Notícias*, à Federação dos Centros Culturais 25 de Julho, na figura de Fritz Rotermund, decorreu de conjecturas para favorecer uma aproximação de Juscelino à Alemanha. Fato é que na representação diplomática alemã no Brasil as simpatias pelo “movimento” não eram as maiores (BARBIAN, 2014, p. 272-277). Mas, possivelmente, esta opinião não fosse publicamente manifestada, de forma que os integrantes dos “Diários Associados” talvez não se tivessem dado conta de uma possível incompatibilidade entre o espaço dedicado ao prefeito Paulo Couto e a sua festança, e a Fritz Rotermund.

Naquilo que tange ao apoio a Couto, os “Diários Associados” promoveram, na noite do dia 16 de junho, em Porto Alegre, um jantar para a comissão organizadora das comemorações, oportunidade em que foi comunicado que tanto o jornal quanto as estações de rádio se empenhariam na divulgação do evento. Mas já no dia 10 de junho, o jornal havia publicado extensa matéria baseada em entrevista do prefeito, sob o título “As imponentes festividades do ‘Dia do Colono’ terão uma ressonância nacional e continental”. Após breve histórico da imigração e colonização alemãs, desde 1824, o autor do texto, J. Thadéo Onar, de descendência polonesa, lembrou que, a partir de 1875, também vieram italianos para o estado, “seguindo-se, depois, outras colonizações das mais variadas nações, destacando-se, em terceiro lugar, a presença de agricultores poloneses”. [249]

O jornalista continuou informando que, em 1924, Borges de Medeiros definiu o 25 de julho como “Dia do Colono”, e que, em 1934, o governador José Antônio Flores da Cunha o elevou à condição de feriado estadual. “Todos os demais governos estaduais que se seguiram sempre destacaram a contribuição do elemento estrangeiro para o aceleramento do progresso do Rio Grande do Sul e do Brasil inteiro”. “É porque temos que ir dizendo às novas gerações de que é nos campos e nas lavouras, nas fábricas e nas escolas que temos que continuar forjando a grandeza de nossa pátria”. Destacou a necessidade de evitar o êxodo rural, e a conseqüente possibilidade de aumento dos problemas nas cidades. “Temos que ir dizendo e repetindo que é através do trabalho que o homem se dignifica, se impõe ao respeito de seus semelhantes, conquista a sua

emancipação econômica, moral, intelectual e espiritual”. “Daí a razão por que festejar o trabalho fecundo dos artífices do nosso progresso”. Mesmo que na parte redacional do texto não haja referências expressas a eventuais qualidades específicas dos “alemães”, o destaque dado ao elemento “trabalho” reflete uma tendência que caracterizaria as avaliações sobre imigração alemã correntes após a Segunda Guerra Mundial – evitar-se-ia falar da variável “étnica”, para sublinhar a variável cultural da “ética do trabalho” (VOIGT, 2008).

Quanto à entrevista do prefeito Paulo Couto em si, a maior parte foi dedicada a informações sobre o andamento dos preparativos dos festejos como tais. Acentuou que se licenciaria – sem salário e sem qualquer outro ônus para os deslocamentos – de suas funções de prefeito, por 30 dias, para viajar pelo interior do Rio Grande do Sul e pelo Brasil inteiro, a fim de contactar e convidar as mais diferentes autoridades. Em relação a Assis Chateaubriand, dono dos “Diários Associados”, afirmou que o convite a ele se justificava pelo fato de ser “grande amigo da colônia germânica, e por estar diretamente vinculado ao progresso desta região, dada a prestação de serviços dos órgãos que integram [su]a poderosa cadeia”.

Na parte em que foram transcritas as palavras com que o prefeito tentou justificar o empreendimento festivo, a tônica também foi o “trabalho”. “Temos é de despertar, cada vez mais, o tradicionalismo do trabalho e da nossa gente no passado, para que os moços, para [250] que os futuros dirigentes dos nossos destinos, saibam da forma como se conduziram os nossos maiores, a fim de se poderem orientar com mais segurança e com maior entusiasmo nos seus empreendimentos”. “O ‘Dia do Colono’ é uma instituição particularmente significativa para nós rio-grandenses. É porque, no caso específico, com a vinda dos colonos é que entramos numa nova fase de progresso, revigorando, radicalmente, a nossa fisionomia social, cultural, política, econômica, agrária e industrial do estado e do sul do Brasil”. Apesar do destaque dado ao progresso industrial, não deixa de chamar atenção o fato de que a matéria termina com uma frase redacional de elogio ao mundo rural: “As cidades não passam de simples lantejoulas, cujo brilho é falso, se não tiverem, como arcabouço que as sustente, um ‘hinterland’ socialmente equilibrado e próspero”.

Apenas três dias depois, a 13 de junho, o *Diário de Notícias* voltou a exibir manchete sobre o evento: “Do Brasil e do continente estão voltadas as atenções para as memoráveis festas de ‘Dia do Colono’ a realizarem-se em São Leopoldo”. Na aparência, desta vez, o caráter “étnico” foi mais destacado que na reportagem anterior, pois o título



de uma legenda que acompanha foto noturna da cidade é “berço da colonização *germânica* do Rio Grande do Sul”, além de haver referência ao desembarque dos “primeiros agricultores *germânicos*”.

Na matéria propriamente dita, lê-se que as festas “assumirão proporções de tamanha grandiosidade que o interesse, desde já, se nota não somente em todos os recantos do Rio Grande do Sul, mas no país inteiro”. E volta a destacar que isto acontece porque “será uma festa do trabalho. Será uma comemoração tributada aos desbravadores de nosso progresso. Será uma comemoração que envolve os que trabalham nas lavouras e nos campos, construindo a nossa verdadeira independência”. A seguir, está publicada uma lista das diversas comissões preparatórias do acontecimento, e o arrolamento nominal dos seus membros. Por fim, vem um parágrafo relativamente grande, de pouco conteúdo concreto, mas de muitos adjetivos, enaltecendo o acontecimento previsto como de dimensões planetárias: “não temos a menor dúvida em afirmar que o êxito será simplesmente estupendo, não somente ganhando repercussão estadual e nacional, mas internacional”. [251]

Do mesmo jornalista J. Thadéo Onar que assinou as demais reportagens anteriores, o *Diário de Notícias* de 22 de julho publicou mais um texto – no dia posterior às primeiras atividades festivas. Em princípio, os três dias de festa estiveram previstos para 23, 24 e 25 de julho. Mas como eles foram antecidos por um sábado e um domingo, toda a movimentação começou, de fato, já no dia 21. Encimado por uma chamada “já estamos em plenas festividades”, a manchete anunciava “Movimenta-se o Rio Grande do Sul e o Brasil inteiro em direção à cidade de São Leopoldo para festejar o grande ‘Dia do Colono’”. Mais uma vez com adjetivos superlativos, foi exaltada a importância do acontecimento. Talvez o entusiasmo explique um “*lapsus*” – em meio à enumeração dos mais diferentes públicos e das mais diferentes autoridades que estariam presentes, apareceu uma frase nos seguintes termos: “o corpo diplomático da Capital da República e o corpo consular do Rio Grande do Sul estarão *ausentes* nas festividades” (*sic*). Como, de fato, o embaixador alemão não se fez presente, tendo sido representado, existe a possibilidade de que tenham circulado rumores de “boicote”, fato que pode ter ocasionado o deslize redacional. Como a enfatizar a grandiosidade daquilo que estava por acontecer em São Leopoldo, o articulista escreveu extenso parágrafo final, conclamando as autoridades responsáveis pelo trânsito a adotar medidas, para evitar problemas.

No dia 25 de julho, efetivamente foi para as bancas a edição comemorativa prometida. Mesmo que ela contivesse as partes usuais do jornal, chama atenção o

tamanho. Foram 64 páginas, em quatro cadernos. Para finalizar, não será feita uma apresentação e muito menos uma análise do conteúdo. Esta é uma tarefa que esta nota propõe como tema a ser desenvolvido por outros historiadores. Em princípio, há dois editoriais, um “normal”, sem assinatura, e outro assinado por Assis Chateaubriand em pessoa. No primeiro, sob o título “Fraternidade brasileira”, o autor começa destacando a presença de alemães, a partir de 1824, e de italianos, depois de 1875, que teriam constituído “fator fundamental de nosso vertiginoso crescimento demográfico e da consolidação de uma poderosa economia baseada no trabalho fecundo da terra mais generosa do mundo”. Aquilo que teria movido os migrantes, [252] tanto os do Mar do Norte quanto os do Mediterrâneo, teria sido “o ideal de ajudarem a criar uma nova pátria, a nobre aspiração de se vincularem ao solo que vinham habitar pelos mais puros laços de confiança e de um sentimento fraterno, alimentado pela límpida formação religiosa cristã, que era a sua força e seu escudo”. “A verdade é que – considerados em seu todo, o que dá majestade e colorido ao acontecimento – nunca alemães e italianos foram estrangeiros no Rio Grande do Sul”. “E uma ou duas gerações depois de terem pisado o solo gaúcho os primeiros germânicos e italianos, as coletividades coloniais constituíram, praticamente, um único e soberbo bloco de brasilidade”. Tudo isto fez com que “hoje bendigamos com o coração alvoroçado de júbilo, a feliz, a preciosa inspiração que, nos primórdios da nossa independência e no amanhecer da República, nos trouxe a colaboração inestimável, decisiva, do braço, da inteligência e da tenacidade do contingente alienígena, ao lado do qual a velha cepa lusitana produziu este prodigioso gigante”.

Interessante é que nas reportagens anteriores – do descendente de poloneses Thadéo Onar – havia referências ao, numericamente, terceiro mais importante contingente imigratório, o polonês. Aqui só aparecem alemães e italianos. Seus respectivos monumentos estão estampados na capa de dois dos cadernos que compõem a edição festiva do jornal.

O comentário de Assis Chateaubriand está intitulado “Colono! Sangue novo para um Brasil nascente”. Seu enfoque é essencialmente histórico em relação à imigração europeia para o Brasil. Não poupa “palavras de entusiásticos aplausos àqueles que no Brasil Meridional implantaram uma nova civilização”. Exalta a figura da princesa Dona Leopoldina, em cujas veias fluía “sangue germano”. Depois vieram os italianos, e “ambos, germanos e italianos, escreveram ... verdadeira epopeia”. Destaca as dificuldades de sair do país de origem, da viagem pelo oceano, do estabelecimento nas florestas daqui.

“Após estes breves tópicos históricos, podemos meditar e reafirmar o valor do impulso criador que recebeu nossa terra naqueles tempos de antanho”.

As muitas páginas desta edição do *Diário de Notícias* estão recheadas de vários outros textos, com maior ou menor grau de [253] informação. Mas todas elas permitem deduções sobre o contexto e sobre aquilo que esteve em jogo, naquele momento. Creio que o material – sozinho – não é suficiente para uma dissertação de mestrado, mas certamente é possível extrair dele um trabalho de conclusão de curso (de graduação). Apontar para esta fonte, é o objetivo desta nota.

### **Referências:**

BARBIAN, Nikolaus. *Auswärtige Kulturpolitik und „Auslandsdeutsche“ in Lateinamerika 1949-1973*. Wiesbaden: Springer VS, 2014.

BORN, Bruno. *Discurso pronunciado na sessão comemorativa do “Dia do Colono” em 25 de julho de 1947, na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Rotermund, 1948.

BORN, Bruno. *Em torno do monumento ao imigrante alemão*. Porto Alegre: Oficina Oficial da Imprensa Oficial, 1950.

CARDOSO, Claudira do Socorro Cirino. *O integralismo no processo político gaúcho: a máquina partidária do PRP e seus dirigentes (1945-1965)*. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

DE GRANDI, Celito. *Diário de Notícias: o romance de um jornal*. Porto Alegre: L&PM, 2005.

DREHER, Martin N. *Wilhelm Rotermund: seu tempo – suas obras*. São Leopoldo: OIKOS Editora, 2014.

FERNANDES, Evandro. *SOS Europa Faminta: Comitê de Socorro à Europa Faminta – SEF*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

GERTZ, René E. *O aviador e o carroceiro: política, etnia e religião no Rio Grande do Sul dos anos 1920*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

GERTZ, René E. Articulações político-culturais na “colônia alemã” do Rio Grande do Sul após 1945: a Federação dos Centros Culturais 25 de Julho. In: ARENDT, Isabel Cristina; CUNHA, Jorge Luiz da; SANTOS, Rodrigo Luis dos (Orgs.). *Migrações:*

perspectivas e avanços teórico-metodológicos. São Leopoldo: OIKOS Editora, 2018a, p. 781-794.

GERTZ, René E. As comemorações do 25 de julho de 1956, no Rio Grande do Sul. In: ZANOTTO, Gizele (Org.). *Anais do IV Congresso Internacional História, Regiões e Fronteiras* (vol. II). Passo Fundo: UPF, 2018b, p. 965-976.

GERTZ, René E. Os festejos dos 132 anos da imigração alemã no Rio Grande do Sul. In: RAHMEIER, Andrea Helena Petry; MÜHLEN, Caroline von; GEVEHR, Daniel Luciano; SANTOS, Rodrigo Luis dos (Orgs.). *Migrações, educação e desenvolvimento: convergências e reflexões* (vol. 3). Porto Alegre: Editora Fi, 2019, p. 389-408.

[254] GERTZ, René E. Juscelino, Brizola, Paulo Couto – São Leopoldo, Porto Alegre, Rio de Janeiro terão algo a ver entre si? In: DOMINGOS, Charles Sidarta Machado; BATISTELLA, Alessandro; ANGELI, Douglas Souza; GRIJÓ, Luiz Alberto; VARGAS, Jonas Moreira (Orgs.). *Capítulos de História política: problemas e estudos*. Passo Fundo: Acervus, 2020, p. 439-465.

GOODMAN, Glen S. *From “German danger” to German-Brazilian President: immigration, ethnicity, and the making of Brazilian identities, 1924-1974*. Tese (Doutorado em História) – Emory University, Atlanta, 2015.

MORAIS, Fernando. *Chatô: o rei do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

SANTOS, Rodrigo Luis dos. *Um caminho, múltiplas escolhas: Carlos de Souza Moraes e sua atuação político-intelectual no Rio Grande do Sul (1930-1950)*. Tese (Doutorado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2021.

VOIGT, André Fabiano. *A invenção do teuto-brasileiro*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

WEBER, Roswithia. *As comemorações da imigração alemã no Rio Grande do Sul: o “25 de Julho” em São Leopoldo, 1924-1949*. Novo Hamburgo: FEEVALE, 2004.

WOLFF, Martin. *Die Stellung der ethnischen Presse im Prozess der Identitätskonstruktion ihrer Leser: eine inhaltsanalytische Untersuchung am Beispiel der Brasil-Post*. Hamburgo/Alemanha: Verlag Dr. Kovač, 2010.